

# GPS

## gente pontoserpro

A gente se encontra aqui!

# Protagonistas da folia

Empregados criam blocos, compõem sambas e encaram até bateria no carnaval

Revista Interna Nº4 - Março 2011

• **RUMO AO ANDARAÍ**  
Metade dos empregados da regional carioca começam a trabalhar no novo prédio a partir de abril

• **ATITUDE INDEPENDENTE**  
Marina Colasanti fala sobre a mulher na sociedade atual, em entrevista exclusiva à GPS.

• **RECEITA SEM PAPEL**  
Declarações em meio magnético foram solução para o mar de papel que lotava as UROs na década de 90

## FOLIÕES PROFISSIONAIS

*Eles arrastam multidões com seus blocos, sambas e batuques. Conheça histórias de empregados que agitam o carnaval*

“Ô abre alas que os serprianos vão passar!”. Eles são da lira, do samba, das marchinhas, do frevo, do congado, do axé e mais. É no carnaval que alguns colegas da empresa mostram seus talentos ou trabalham gratuitamente para garantir a festa dos amigos e companheiros de trabalho. De norte a sul do país, a GPS conversou com empregados que não só curtem os dias de folia, mas ajudam a fazer história em suas cidades e manter diferentes tradições desse festejo popular.

Em Recife, o carnaval começa mais cedo para os colegas do Serpro graças à iniciativa da Maria do Carmo Viana, da Supop, que organiza o bloco "Cachorro da Maria". A história já é antiga e começou com uma iniciativa mais singela. Há 8 anos, Maria mantém a tradição de cozinhar cachorro-quente para os colegas, sempre nas sextas-feiras de carnaval. A brincadeira começava na sala com os amigos, por volta das 17h. No ano passado, a turma se animou, organizou a bagunça, pegou a panela e seguiu pelas ruas. E foram cerca de 100 pessoas atrás.

### Do cachorro para o Galo

Neste ano, Maria abraçou a causa e decidiu trabalhar duro para colocar seu bloco na rua com mais atrações. Foi atrás de patrocínio, fez um bingo na Ases com



Maria Viana animou os colegas da Regional Recife no desfile do "Cachorro da Maria"

grupo de samba, conseguiu doações de prêmios e vendeu 180 cachorros-quentes. “Fiz tudo bonito porque queria que acreditassem no que eu estava fazendo”, contou Maria. Ela contratou a orquestra "Babá do Trompete", encomendou 200 camisas, mandou preparar 600 pães, conseguiu caixas de som, dois buggys e carrinhos para levar os cachorros-quentes e bebidas.

“Mandei fazer um estandarte e minha fantasia de porta-bandeira encomendei com a costureira que faz rou-

pas para a banda Calipso”, detalhou Maria. O bloco desfilou na sexta-feira, 25 de fevereiro, saindo do Serpro para seguir seu percurso e parar na Ases, também no Serpro. Com a missão cumprida, Maria se prepara agora para curtir o "Galo da Madrugada", um dos blocos mais famosos do país, no sábado de carnaval. “Quando ele sai, eu choro feito uma condenada. Parece que o carnaval está no meu sangue. O Galo me inspira e o "Cachorro da Maria" ainda vai sair atrás dele, meu bloco vai vingar!”, promete. ▶



Sirlene Campos e Dagmar Martins aproveitaram o frevo com os amigos em Fortaleza

### Fortaleza ao som do frevo

Apesar de muitos cearenses fugirem no carnaval para Recife e o interior do estado, Sirlene Campos, da Supgl, não desanima de reunir os colegas. Admiradora do frevo, quando ela descobriu o "Bloco Anárquico Multicultural Aí Dentro, Vossa Excelência! Oh, Linda Fortaleza!", entrou em contato com o organizador e pediu desconto para os empregados participarem desse pré-carnaval. Há três anos, com apoio da Ases, empregados da Regional brincam no bloco. "Estou no Serpo há 25 anos e antes eu conhecia todos na empresa. Esses eventos são importantes para integrar antigos e novatos"

Sem medo de encarar muito trabalho para garantir muita diversão, outra colega de Fortaleza que garante a festa é a Dagmar Martins, da Supde. Há mais de dez anos, ela prepara viagens para amigos curtirem o car-

naval de Olinda. Neste ano, ela vai cuidar de 52 pessoas, que ficarão divididas em duas casas vizinhas, no centro histórico. Sete empregados do Serpro irão no grupo mas mesmo os colegas que forem à Olinda e não se hospedarem nas casas ficam convidados para curtir com a turma.

Receber tanta gente envolve uma verdadeira operação logística. "Cozinhamos para mais de 50 pessoas e sempre garantimos um cardápio variado que atenda à maioria, do café da manhã até o caldo à noite", detalha Dagmar. A trupe já deixou sua marca no carnaval, levando há cinco anos o bloco "Passando o Rodo". "Começamos com cinco músicos e arrastamos uma multidão. No segundo ano, o pessoal começou a gritar meu nome e um repórter de TV acabou me entrevistando. Nosso bloco apareceu em uma chamada, direto de Olinda para todo o Brasil", orgulha-se Dagmar.

### São Paulo com energia à bateria

Jorgino da Silva, da Supgf, há quatro anos tem uma tarefa especial no carnaval de São Paulo: cuidar da bateria da Escola de Samba Unidos da Vila Maria, com 250 ritmistas. Ele integra a diretoria de bateria, com 18 componentes, faz a manutenção dos instrumentos e ajuda nos ensaios. No dia do desfile, apoia o transporte dos instrumentos feito por caminhão e, na concentração, distribui tudo em ordem para os ritmistas que chegam em seis ônibus. Na avenida, ele segue de olho em tudo.

"A bateria é o coração da escola. Tudo pode estar lindo, mas se a bateria falhar, a escola não funciona. O retorno desse trabalho vem com o reconhecimento, quando as pessoas falam comigo que a bateria veio bonita. Eu não toco nada, não aprendi nenhum instrumento, mas só por ajudar e fazer parte da bateria, sinto uma grade emoção, uma coisa maravilhosa", revelou Jorgino. ▶



Jorgino da Silva se prepara para o desfile da Unidos da Vila Maria em São Paulo

### Tambor de mineira

Há oito anos, Regina Fraga, da Unise, entrou em uma oficina de percussão do grupo "Tambor de Minas", do músico Maurício Tizumba, e acabou convidada a seguir o artista. Hoje toca tambor e patangome (uma caixa fechada com contas soltas), além de integrar o grupo Pandeiro Mineiro. Em 2011, Regina vai tocar pela primeira vez no carnaval de Belo Horizonte, nos blocos Unidos do Samba e Moreré, que sai no famoso bairro de Santa Teresa.

Mas Regina já teve sua estreia oficial na folia em Ouro Preto. O Tambor Mineiro integrou o bloco "100 Tambores... a Gente Não Sobem!", em 2008 e 2009, percorrendo as ladeiras de Ouro Preto. "Foi diferente tocar no carnaval, caiu um temporal nos dois anos e, com o tambor molhado, nosso som ficou mais baixo que o da bateria. Ficamos mais pulando e nos divertindo. Descemos a ladeira escorregando. O maior desafio foi ficar em pé!", lembrou Regina.



Apresentação do grupo Tambor Mineiro



Neivaldo dos Santos e integrantes da "Acadêmicos da Asa Norte"

### Sambas candangos campeões

Carioca de Realengo, compositor e percussionista. Neivaldo dos Santos toca surdo, caixa, repique, pandeiro e investiu seu talento para alegrar o carnaval de Brasília desde 1980, quando se mudou para a capital federal. Neivaldo, da Supgl, passou anos compondo para as escolas que desfilam no Ceilambódromo e venceu 14 disputas de sambas-enredos. Suas composições tomaram a avenida pela "Acadêmicos da Asa Norte", "Mocidade de Planaltina", "Mocidade Independente do Cruzeiro", "Unidos de Vila Planalto", "Candangos do Bandeirante" e "Mocidade Independente do Gama".

Em 1997, Neivaldo teve outra vitória, dessa vez, de volta ao Rio. O samba feito em parceria com o amigo carioca "Guará", ficou em segundo lugar na disputa da escola Estácio de Sá entre 47 concorrentes. O enredo narrou os 100 anos da Academia Brasileira de Letras.

"Saíram dois ônibus com 84 pessoas de Brasília para torcer. Foi bom demais ver amigos do meu bairro em Brasília juntos com a torcida do meu parceiro de composição, da comunidade do Morro de São Carlos. Fiz dois empréstimos em um banco para poder pagar a viagem do pessoal, além de 327 convites e as bebidas para a festa da escolha do samba-enredo", comentou. "Quando eu lembro do meu samba na final, o povo cantando em massa...penso que perdi, mas sinto como se fosse uma vitória."

### Axé chegando de jegue

Em Salvador, o pré-carnaval esquenta na quarta-feira, dia do bloco "Jegue Enfeitado", criado pelos empregados da Supde Sandro Cordeiro e Fábio Silvestre. A ideia surgiu em 2009, quando houve a polêmica sobre a proibição de animais na tradicional lavagem do Bonfim. Daí veio a homenagem ao jegue, que era um dos animais mais utilizados. Além disso, na Bahia, usa-se a expressão "jegue enfeitado" para fazer piada sobre pessoas com roupas extravagantes. ▶



Fábio Silvestre, Sandro Cordeiro e Cleiton Márcio, puxam o Jegue Enfeitado



Vilche e Cláudia Reis no desfile das Pererecas, em 2010

No ano passado, a banda desfilou em um minitrio, teve participação de três empregados da Regional e arastou cerca de 100 pessoas. Neste ano, os empregados vão tocar na concentração do bloco, que desfilará com banda de percussão e sopro no chão. Segundo Fábio, o Jegue Enfeitado acaba unindo empregados com mais tempo de casa, terceirizados e novos concursados que se reúnem para a brincadeira.

Para Sandro, a tarefa é trabalhosa, mas vale à pena. “O mais difícil é arrumar apoio para viabilizar o desfile e o mais gratificante é ver nossos amigos reunidos, brincando ao som de músicas que adoramos e celebrando a cultura de rua da Bahia.”

### Pererecas cariocas

“Sai dessa gaiola perereca/ E vem pra cá.../ Vem se juntar.../ Nós somos Pererecas Assanhadas/ Aleglando a moçada/ Nosso lema é se esbaldar!”. Esses são versos do samba que marcou o bloco Pererecas Assanhadas, composição de Claudio Dames, o Claudinho, da Sunac. Cláudia Reis, da Supde, conta que tudo começou com encontros que aconteciam às quintas-feiras, na mercearia do Manel. Vendo a bagunça, o Claudinho brincou: vocês parecem pererecas! Então, começou a brincadeira.

Em 2005, Cláudia Reis organizou a turma, fez as camisas do bloco e saiu pelas ruas do Horto, bairro onde fica parte do Serpro no Rio de Janeiro. “Esse desfile foi engraçado porque não tínhamos carro de som e o puxador improvisou com um carrinho de pamonha”, confessou rindo Cristina Vilche, da Unise, porta-bandeira do bloco.

“Nosso único compromisso é com a diversão. Temos empregados, moradores, aposentados, amigos, familiares, crianças do bairro... de tudo um pouco. Virou um grande encontro de pessoas que buscam alegria e confraternização, regado à muita música. Bem carioca!”, definiu Cláudia.

### Nos bastidores de Porto Alegre

Pulando o carnaval desde criança em Porto Alegre, Érico Leoti, da Sunit, conhece os dois lados da festa: de quem faz e de quem brinca. Ele desfilou pela primeira vez em 1975, na Imperadores do Samba, sua escola de sempre. Seu primeiro trabalho foi na coordenação de uma ala e depois na direção da escola, como conselheiro e na Diretoria Executiva.



Érico Leoti comemora a vitória da Imperadores do Samba no desfile de 2009

“É muito interessante participar da direção de uma escola de samba porque o carnaval trata de sentimento, de paixão. E dirigir uma escola significa atender às expectativas da paixão de milhares de pessoas, sejam componentes ou torcedores. Então, a responsabilidade é muito grande”, detalha.

Atualmente, Érico é vice-presidente administrativo da Associação das Entidades Carnavalescas do Porto Alegre e Rio Grande do Sul (Aecpars), entidade que organiza o desfile das escolas de samba, em conjunto com a Prefeitura. “O carnaval sempre será algo mágico. Por ser uma cultura popular, mexe com as camadas mais carentes da sociedade. Apesar das dificuldades, é onde esta parcela da população busca satisfação e consegue ser, verdadeiramente, protagonista” reflete Érico. ■

## DE CASA NOVA

*No próximo mês, o endereço do Andaraí receberá seus primeiros “habitantes”. Até o final de agosto, metade dos empregados da Regional Rio de Janeiro já vão estar por lá. Como será que andam as expectativas de quem vai chegar mais rápido no trabalho?*

Falta pouco para cerca de 640 serprianos começarem a trabalhar no Andaraí. A maior parte dos ocupantes do novo endereço está vindo do Horto, que fica a 15 quilômetros de distância. É uma grande mudança, que mexe com a vida de muita gente, mas que poderá trazer benefícios para a maior parte dos empregados do Rio, já que cerca de 47,5% deles mora na zona norte, onde fica o Andaraí.

A título de curiosidade, o bairro carioca com a maior população de serprianos é a Tijuca, um bairro vizinho ao Andaraí. Lá moram 89 empregados. Se considerarmos apenas a Supde, esse número cai para 44, quase a metade. E por que a Supde? Porque dos 640 novos postos de trabalho no Andaraí, 513 serão ocupados por todos os empregados das equipes de desenvolvimento. Os demais serão ocupados por profissionais da Supop, Supgl, Supgp e áreas que têm relação direta com a Supde.

### Mais tempo livre, mais qualidade de vida

Thiago Oggioni é analista da Supde e mora no bairro do Riachuelo, que é bem próximo ao Andaraí. Ele é um ►



Serpro do Andaraí: fachada de vidro aproveita luz natural no prédio de 5 mil m<sup>2</sup> de área construída, localizado na Rua Duquesa de Bragança. O terreno do imóvel tem 25 mil m<sup>2</sup>



"Fábrica Meuron no Andaraí", de Jean-Jacques François Coindet, séc. XIX, Pinacoteca do Estado de S. Paulo

### Bairro histórico

Andaraí vem de "Andirá-y", que significa "Rio dos Morcegos" na linguagem dos índios que habitavam a região. Hoje denominado Rio Joana, ele atravessa o bairro e divide as duas pistas da Rua Maxwell. É um dos bairros mais antigos do Rio de Janeiro, colonizado no século XVI para o cultivo de cana-de-açúcar. Na época, foi dividido em Andaraí Grande e Andaraí Pequeno. Três séculos depois, o Andaraí Grande virou apenas "Andaraí" e, aos poucos, deu origem aos bairros Vila Isabel e Grajaú, todos de classe média. O Andaraí Pequeno hoje é conhecido por Tijuca.

dos que aguardam ansiosamente a mudança. Na verdade, ele e seu filho, Gustavo, aguardam. “Com o tempo que vou economizar no trânsito, vou poder estudar e dar mais atenção ao meu filho. Poderei levá-lo à escola e vê-lo acordado antes de ir para o trabalho”, comenta.

Assim como Thiago, Fábio Deodoro, analista na Supde, também pretende aproveitar mais o tempo livre com a família. “Vou poder acompanhar meu filho na saída da escola e levá-lo ao treino de futebol todos os dias”. Ele mora em Jacarepaguá, na zona oeste do Rio e deverá economizar até três horas no trajeto entre sua casa e o trabalho. “Levo de 1h40 a 2h10 no meu itinerário nos horários do 'rush', se eu for pela Barra da Tijuca. Com a mudança para o Andaraí, meu tempo de trajeto será de 30 minutos, no máximo”, explica.

Mais perto ainda ficará Vitor Teixeira, também da Supde, que mora no Andaraí. A expectativa dele com a mudança é grande. “Embora eu goste do Horto, ter mais tempo livre é uma boa ideia. Na verdade, eu já aprovei-



Vitor, morador do Andaraí: planejando o que fará com mais tempo livre



Thiago Oggioni: “Verei meu filho acordado antes de ir para o trabalho”

to esse tempo porque eu utilizo o ônibus da Empresa e a hora do trânsito é o meu horário de leitura. Ainda não resolvi como será daqui para a frente. Vou pensar com calma”, disse.

### Prédio próprio

O Serpro investirá cerca de R\$ 15 milhões na reforma. A expectativa é de que o retorno desse investimento aconteça em até quatro anos e meio, já que, em breve, será eliminado o gasto com aluguel e condomínio de quatro pavimentos do prédio da Lapa, que atualmente

tem custo aproximado de R\$ 280 mil mensais (R\$ 3,36 milhões anuais).

A ida para um imóvel próprio é uma informação que animou os analistas da Supde. Para Vitor, “é muito mais interessante investir em um prédio mais moderno. Afinal, esses três 3 milhões gastos com aluguel não voltam mais”. Thiago concorda e reforça: “Parte desse montante que deixará de ser gasto poderia ser revertido em benefícios aos empregados da Empresa”, torce.

Fábio, apesar de animado, tem uma preocupação. “Por quanto tempo vamos permanecer no Andaraí até que venha outra pessoa e determine a mudança para outro lugar? Parecemos ciganos, nômades, sem endereço fixo”. O diretor-presidente do Serpro, Marcos Mazoni, responde à questão: “Quisemos que as pessoas tivessem a garantia de ir para um prédio próprio do Serpro, algo que oferece uma estabilidade muito maior, qualificando a vida das pessoas”, frisou. ■

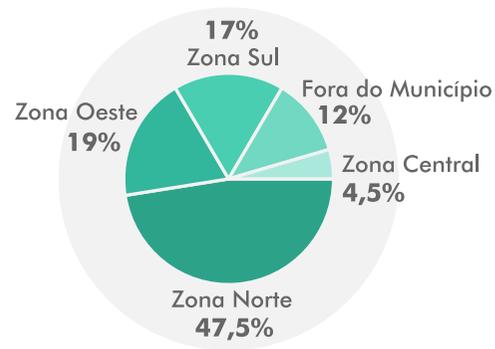


Fábio: menos tempo no trânsito, mais tempo com o filho

## Onde moram os serprianos cariocas?

O município do Rio de Janeiro é dividido em 160 bairros, agrupados em quatro regiões: Norte, Sul, Oeste e Central. Onde os 1.315 empregados da Regional carioca moram?

Dentre os dez bairros com mais serprianos no Rio, seis são mais próximos ao Andaraí do que ao Horto. São eles: Tijuca, Jacarepaguá, Centro, Meier, Icarai (Niterói) e Campo Grande. De acordo com dados da Supgp, atualizados em janeiro, a distribuição entre as regiões da cidade é a seguinte:



# 157

É o número de empregados que vão trabalhar bem pertinho de casa\*

\*considerando apenas o Andaraí e seus principais vizinhos: Tijuca, Vila Isabel, Maracanã e Grajaú.

## É longe? É perto?

- Distância do Andaraí aos outros prédios:



- Distância dos prédios até alguns estabelecimentos:



- A descida da Ponte Rio Niterói no Caju fica a



## Ecologicamente correto

O prédio do Andaraí foi adquirido pelo Serpro no dia 3 de março de 2009. Desde que teve sua documentação legalizada, o prédio principal vem passando por reformas. A nova fachada é toda de vidro, para aproveitar a luz natural e reduzir pela metade gastos com iluminação.

Também foi construído um sistema de reciclagem de águas pluviais, que economizará água nos banheiros, na limpeza e na jardinagem.

Além disto, o prédio é totalmente acessível, com rampas, elevadores, interruptores em altura adequada e banheiros adaptados. Hélio Gerpe de Freitas (foto), analista da Supde, é cadeirante e gostou do que viu quando visitou o prédio durante a fase de reformas. “Eu ainda não vi o prédio pronto, mas já deu para atestar que as rampas têm uma inclinação própria que dispensam corrimão. Além disto, o tamanho dos banheiros é totalmente adequado”, destacou.



## IR 2011: ANO UM DO PAPEL ZERO

*Fim dos formulários em papel encerra ciclo de transição iniciado há 20 anos*

Cerca de 65 mil brasileiros terão de abrir mão de um velho hábito neste ano: retirar o formulário do imposto de renda, preencher os papéis e entregá-los. Em 2010, essas pessoas foram responsáveis pela entrega por apenas 0,3% das declarações - e agora precisarão se adequar, já que a Receita deixou de receber os antigos formulários.

A transição para a era informatizada começou em 1991, ano a partir do qual começaram a ser recebidas as declarações em meio magnético - o saudoso disquete. Mas foi bem antes que se iniciaram os preparativos para efetivar esse marco. E eles decorreram da pura necessidade, recorda Paulo Roberto Nacaratto, da SUPDE de São Paulo. “Já a partir da década de oitenta, trabalhar com tanto papel foi se tornando problemático, porque cada vez aumentava mais o número de declarações e não tínhamos como expandir, na mesma proporção, o número de pessoas, equipamentos, a estrutura física”.

O excesso de papel também atrapalhava processos. Quando um dos chamados Relatórios de Problema apontava, por exemplo, dois contribuintes com o mesmo CPF, era necessário fazer com que a declaração de uma pessoa, arquivada em um prédio, migrasse até o outro prédio, onde se encontrava a outra declaração e o fiscal de rendas poderia fazer a análise. Cerca de três



Menu principal do 1º disquete-programa distribuído aos contribuintes – 1991

meses chegavam a ser dispendidos até que o agente público tivesse a documentação completa em mãos.

### Disquete grampeado

“Pensávamos o tempo todo em soluções e desse processo surgiu a ideia revolucionária: fazer com que o próprio contribuinte digitalizasse sua declaração. O cidadão passaria a gravar, ele mesmo, suas informações em um disquete. Muitos acharam absurdo, alguns acharam genial. Mas estávamos no fim dos anos 80 e sabíamos que o computador tinha vindo para ficar. Era um caminho no qual podíamos apostar”, lembra Nacaratto.

Dessa iniciativa surgiu o primeiro PGD – Programa Gerador de Declarações, que começaria a ser distribuído em disquete. O programa distribuído foi escrito em linguagem clipper para ambiente DOS. Os interessados

tinham que possuir um microcomputador com memória de 640K e unidade para o disquete de 5 0 - além de impressora. Mas a adesão foi pequena, já que a popularização dos computadores pessoais estava no início. Apenas 3% dos declarantes entregou a declaração em disquete. E, dentre os inovadores, alguns não sabiam direito como lidar com os apetrechos da nova tecnologia. Segundo Nacaratto, muita gente grampeava o recibo entregue no disquete que continha a declaração. “No ano seguinte, vinham reclamar na Receita, alegando que 'aquele negócio não funcionava direito”.

A campanha e a massificação da informática entre os consumidores fizeram com que declarações entregues em meios magnéticos superassem as entregues em papel já em 1997. No mesmo ano, iniciava-se a entrega de declarações via internet, última grande mudança de formato da entrega do Imposto de Renda brasileiro. ■



Área de preparo na URO Porto Alegre, em 1990: papel para todo lado

## COM O ESPÍRITO LIVRE

*A premiada escritora destaca a importância da atitude de independência na busca da equidade de gêneros.*

São sete horas de uma noite de quarta-feira e Marina Colasanti prepara o jantar. Ganhadora de cinco prêmios Jabuti, a escritora com mais de 40 livros de contos, crônicas, poemas e ensaios faz uma pausa na culinária para conceder uma entrevista exclusiva à GPS. Sim, ela cuida da casa sem problemas, com a ajuda, também sem problemas, de seu marido. “Eu faço uma parte e ele faz a outra”, conta a autora de *A Nova Mulher*, clássico feminista que vendeu mais de 100 mil exemplares na década de 80. Com a tranquilidade de quem navega do ensaio engajado ao mais profundo lirismo, trazendo na bagagem uma respeitada trajetória também como jornalista, o discurso de Marina deixa claro que lugar de mulher pode ser a cozinha, o mercado de trabalho, a política, ou qualquer outro no qual ela queira estar. Acompanhe.

**GPS - O Dia Internacional da Mulher, 8 de março, é comemorado há mais de cem anos. Ainda faz sentido celebrar essa data?**

· MARINA - Estamos fazendo essa pergunta há no mínimo dez anos, porque o sentido das coisas muda. Acho que hoje as mulheres comemoram mais o seu dia quando uma mulher se torna chefe da Polícia Civil, quando elegem uma presidente, uma primeira-ministra. São comemorações menos cerimoniais e mais ligadas à realidade de um crescimento feminino.



Foto: Jaime Souza

Mariana Colasanti: mulher de espírito livre é a que se dispõe a ser sua própria liderança

**GPS - As pequenas conquistas do cotidiano também fazem que qualquer dia seja “da mulher”?**

· MARINA - As pequenas e as grandes. Vivemos num mundo em que as ações precisam ser vistas. E as pequenas conquistas, embora construtoras, são como tijolos. Os tijolos formam o prédio, mas no fim, passam despercebidos. Já o projeto dessa construção, não. O projeto feminino que nós elaboramos, sobretudo ao longo dos anos do feminismo, está bastante visível, bem estruturado. Estamos levando-o adiante, não

tanto por novas reivindicações mas pela inércia, no sentido positivo, pelo impulso que lhe demos durante períodos anteriores, quando houve tantos movimentos reivindicativos. ▶



**Ouçá a entrevista na Rádio Serpro**

<http://radio.serpro.gov.br>

“E independência é uma coisa tão bonita, que deu feriado até hoje. É bonita para um país. É maravilhosa para uma pessoa. Então, por que não sermos nós também rainhas do nosso reinado, cortando, num Grito do Ipiranga, o bendito cordão umbilical?”

INDEPENDÊNCIA, QUE BONITA É (trechos) - In: A Nova Mulher, de Marina Colasanti, Nórdica, Rio de Janeiro

### **GPS - Nesse projeto existe a questão da independência feminina. No livro “A Nova Mulher”, você escreveu bastante sobre isso. Mas, afinal, o que é ser uma mulher independente?**

· MARINA - Ser uma mulher independente é primeiro ter um espírito independente. E ter um espírito assim não significa ser do grupo do “eu sozinho”, ou que a mulher tenha que ser a solução de todos os seus problemas. Mas significa que ela se dispõe a ser a sua própria liderança na vida. E o melhor é que tenha ferramentas para isso, seja uma profissão, um talento, uma aptidão, pois não existe independência sem conseguir pagar suas próprias contas, já que vivemos em um mundo ligado ao dinheiro. Creio que as mulheres mais simples, talvez por serem obrigadas, têm mais fôlego para a independência, mesmo com poucas ferramentas. Já a jovem mulher de classe média e alta hesita mais, porque é criada protegida, rodeada de defesas. Assumir a independência dá a impressão de que vai ter que abrir mão dessas defesas, o que não é verdade, ela vai apenas ter que armar as suas próprias defesas.

### **GPS - O IBGE incorporou o quesito “pessoa de referência” nos censos, o que mostrou a crescente participação das mulheres no provimento do lar, cerca de 30%. O que você pensa sobre as mulheres que viram chefes de família?**

· MARINA - Isso é uma tragédia social brasileira. Porque significa que há uma evasão grandíssima da responsabilidade paterna nas classes pobres, sobretudo. O homem pode morar em outra casa, mas tem que pagar a sua parte no sustento dos filhos. E quando a mulher tem que segurar a barra de sustentar uma família sozinha, é claro que essa família vai viver pior do que se tivesse duas fontes de renda. Isso é um fenômeno crescente no país e extremamente inquietante.

### **GPS - Você, por exemplo, estava preparando o jantar quando atendeu à nossa ligação. A mulher pode desejar ser uma excelente profissional e ao mesmo tempo ser a cuidadora do lar?**

· MARINA - Não vejo nenhum impedimento em exercer duas funções, ser uma profissional e ser uma dona de casa. E vale dizer que, no meu caso, não sou uma dona de casa sozinha. Eu faço uma parte e o Affonso (o escritor Affonso Romano de Sant'Anna, com quem ela é casada) faz a outra. Cada um faz o que sabe fazer melhor. Isto é uma casa, somos dois, e os dois cuidam dessa casa e um cuida do outro. E não há nada de surpreendente nisso.

### **GPS - Já que estamos falando do universo da vida doméstica: praticamente qualquer pessoa já escutou algum relato de violência contra a mulher. O que faz um homem ser violento com sua parceria?**

· MARINA - A força física e a aquiescência social. A sociedade deixa - ou pelo menos deixava até ontem. Agora está deixando menos, no mundo inteiro. E o homem é mais forte. Era aquela famosa escada de força, na qual apanha o mais fraco. Mas à medida que as mulheres vão denunciando, isso fica mais complexo, porque os homens se veem realmente ameaçados. Uma jovem amiga minha, por exemplo, deu queixa do marido. Ele foi enquadrado na Lei Maria da Penha e, por isso, não

pode sair do país por muito tempo, tem que se apresentar na delegacia todo mês, tem que assistir conferências sobre violência contra a mulher. E ele ainda perguntou: qual a alternativa para essas penas? A resposta foi: a alternativa seria dois anos de cadeia. Ou seja, as coisas começaram a mudar.

### **GPS - Saindo do espaço privado para o público: você é escritora e palestrante, ou seja, lida com a palavra na arena pública, um espaço que por muito tempo esteve vedado à mulher, de forma velada ou explícita. Que leitura você faz dessa experiência ao longo de sua carreira?**

· MARINA - Estar no espaço público é muito individual. Há homens e mulheres que administram isso bem, e outros que não. Isso está ligado a uma série de fatores, por exemplo, a você se sentir habilitado para ocupar esse local. E cada vez mais vemos mulheres ocupando bem o espaço público, pois elas são bastante articuladas. Também porque, devido às estruturas machistas, quando a mulher chega aos postos de chefia, ao topo da pirâmide, é porque ela demonstrou isso amplamente ao longo do percurso, senão não deixavam que ela chegasse. ■

### **Fique por dentro**

A partir deste mês, o Serpro lança a campanha “A diferença que soma”. O objetivo é divulgar o Programa Serpro de Equidade de Gênero (Pseg) de 2011 que, entre suas ações, prevê a promoção do Dia Internacional da Mulher, 8 de março, e a realização da Semana Nacional de Equidade de Gênero e Raça, entre os dias 21 e 25 de março.

